

Recordando

Henrique Castriciano



Daladier Pessoa Cunha Lima

Daladier Pessoa Cunha Lima

Recordando Henrique Castriciano

Discurso pronunciado na solenidade de posse
na categoria de sócio efetivo do Instituto
Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

OpçãoGraf - Gráfica e Editora
Natal/RN - novembro/2004

Catálogo na Publicação – Biblioteca da FARN
Setor de Processos Técnicos

L967r

Lima, Daladier Pessoa Cunha

Recordando Henrique Castriciano / Daladier Pessoa Cunha
Lima. – Natal: Impressão Gráfica, 2004.

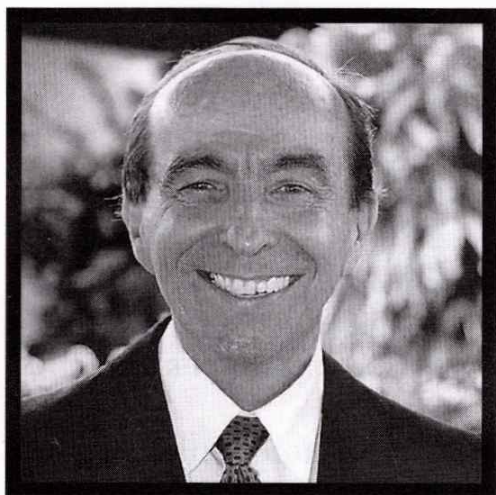
33 p.

Discurso pronunciado na solenidade de posse na categoria de
sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande
do Norte

1. Castriciano, Henrique – 1874. I. Título

CDD 920
CDU 929 (CASTRICIANO, Henrique)

RN/FARN/BC



DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

Daladier Pessoa Cunha Lima nasceu em 1939, na cidade de Nova Cruz-RN. Aos 12 anos, veio para Natal e, em 1965, formou-se em Medicina na UFRN. Pós-graduado pela USP, tem, ainda, especialização em Medicina do Trabalho e em Administração Universitária. Por vários anos Médico atuante e Professor de Medicina, publicou diversos trabalhos de pesquisa em revistas especializadas. Primeiro Reitor eleito da UFRN, exerceu o cargo de 1987 a 1991, após ter assumido as funções de Diretor do Centro de Ciências da Saúde, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Vice-Reitor da Universidade. Sua experiência acadêmica é também enriquecida pela vivência em Instituições Universitárias no Exterior. Ao se aposentar, abdicou do exercício da Medicina e optou pelas atividades em Educação, tendo instalado, em Natal, as Escolas de Idiomas Yázigi. Em seguida, passou a se dedicar à criação e implantação da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – FARN, da qual é o Diretor Geral, desenvolvendo profícuo trabalho cultural e educacional. É membro da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte e autor de inúmeros trabalhos escritos em forma de palestras, conferências, discursos e artigos publicados em jornais de Natal. É de sua autoria o livro “Noilde Ramalho - Uma História de Amor à Educação”, publicado em agosto de 2004.

Sumário

À guisa de apresentação e agradecimentos.....	9
Introdução.....	11
A Prosa e a Poesia.....	11
Influência Intelectual sobre Cascudo.....	17
A Infância.....	18
A Adolescência – O Espectro da Tuberculose.....	19
Político por Contágio.....	21
Particularidades.....	23
Henrique Castriciano e Nísia Floresta.....	26
As Viagens à Europa e a Criação da Escola Doméstica de Natal.....	26
O Educador.....	27
As Dificuldades enfrentadas – O adeus do Poeta.....	30
Referências.....	33

À guisa de apresentação e agradecimentos

Obrigo-me a afirmar que, até alguns anos atrás, eu pouco sabia sobre Henrique Castriciano de Souza, muito menos do que sei agora. Há cerca de oito anos, comecei a conviver mais de perto com a Professora Noilde Ramalho, desde quando recebi convite da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, por seu intermédio, para implantar a FARN e, posteriormente, dirigir essa Instituição de ensino superior. Esse convívio despertou-me a curiosidade sobre o grande poeta norte-rio-grandense, pois a Professora Noilde, sendo digna da responsabilidade que tem em continuar a principal obra criada por Henrique Castriciano, passou a ser uma permanente admiradora e exaltadora do seu legado educacional e intelectual. Além disso, senti-me compelido a estudar e a perscrutar a vida do homem que foi a fonte, através da sua sensibilidade e inteligência, de todo o complexo de ensino do qual, hoje, sou um dos integrantes.

Assim, em novembro de 2003, durante a II Semana do Livro da FARN, na qual foi homenageada a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, fiz conferência sobre esse notável prosador e poeta, também fundador da Academia e seu primeiro Presidente. Na ocasião, recebi, inclusive de vários membros daquela respeitável Casa de Cultura, que estava sendo homenageada, efusivos e sinceros cumprimentos, com sugestões de que os estudos deveriam evoluir para a publicação de um livro. Agora, ao tomar posse como membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, renovo as homenagens àquele luminar da inteligência e das letras do Estado, abordando o tema “Recordando Henrique Castriciano”. Torna-se, também, pertinente e oportuno dizer que o livro “Noilde Ramalho – Uma História de Amor à Educação”, de minha autoria, cujo lançamento ocorreu em agosto deste ano, contém inúmeras referências a H. Castriciano, inclusive com um capítulo especial sobre a sua pertinácia para instalar a Liga de Ensino do Rio Grande do

Norte e, posteriormente, a Escola Doméstica de Natal.

Quero deixar registrados meus eloqüentes agradecimentos aos ilustres membros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, que me recebem, nesta noite, como um dos seus pares. Especialmente, dirijo os agradecimentos ao Presidente Enélio Lima Petrovich, escritor de grandes méritos e incentivador sem par da cultura norte-rio-grandense, bem como, aos integrantes do IHGRN, Caio Flávio Fernandes de Oliveira, Maria Arisnete Câmara de Moraes e Luiza Maria Dantas, que, em momento para mim inesquecível, levaram-me o convite para participar dessa centenária instituição, guardiã maior da história cultural e do trabalho intelectual produzido, ao longo do tempo, nessa Terra de Poti. À Professora Luiza Maria Dantas, musicista admirável, esteta, culta, sensível, a quem escolhi para a saudação exigida na solenidade de posse no IHGRN, meus emocionados agradecimentos, primeiro por haver aceitado o convite, e, depois, pelas palavras a mim dirigidas, certamente, nascidas da sua generosidade, além de fluírem da simpatia e do bem-querer recíprocos que alimentam e animam uma prolongada e boa amizade.

Natal/RN, 30 de novembro de 2004.

Daladier Pessoa Cunha Lima

Recordando Henrique Castriciano de Souza

Introdução

Nas primeiras décadas do século XX, Natal tinha uma fonte viva de cultura, onde as inquietudes intelectuais encontravam ressonância, onde a busca por caminhos que levassem ao pensamento universal identificava uma referência: Henrique Castriciano de Souza. Exerceu grande influência sobre todos aqueles que se dedicavam às letras na Província, balizando para o alto os padrões das atividades da inteligência e do espírito desenvolvidas na cidade. Essa influência positiva, não se restringiu aos seus contemporâneos, mas, certamente, vem perlustrando gerações.

Além de sua consagrada erudição, identificam-se quatro grandes legados de Henrique Castriciano muito significativos para o Rio Grande do Norte: a valorização da mulher através da educação; a “descoberta” de Nísia Floresta; a criação do movimento escoteirista e, finalmente, a influência intelectual que exerceu sobre o jovem Luís da Câmara Cascudo, incentivando-o nas primeiras incursões no melhor da literatura mundial.

A Prosa e a Poesia

Embora tenha deixado obra que não corresponde à sua admirável dimensão cultural, os seus trabalhos, em poesia e prosa, revelam refinamento de estilo, inteligência aguçada e amplitude de conhecimentos, resultantes do permanente hábito de leitura iniciado na infância e continuado quase de

forma obsessiva por toda a vida. Câmara Cascudo, no livro “Nosso Amigo Castriciano”, aborda esse tema da seguinte maneira:

Os livros publicados por Henrique Castriciano, todos eles juntos, jamais darão a mais distante idéia do que sabia positivamente o seu autor.

[...]

Os franceses dizem que Sainte-Beuve fora um leitor imutável. Castriciano seria desse nível. Sabia resumir o essencial, recriar no plano da crítica, ver as deficiências, ilogismos, contradições.

Nada escapava aos seus olhos percucientes. O livro dava-lhe toda substância. Recordo as conversas de Henrique Castriciano valendo algumas conferências definitivas e magistrais. Perderam-se no ar, dissipadas pelo vento, mortas nas memórias afetuosas dos amigos que não puderam nem mesmo parcialmente reter.

(CASCUDO, 1965, p. 61)

Os grandes escritores franceses eram os seus preferidos. Dentre eles, Ernest Renan (1823-1892) foi o que mais lhe serviu como fonte luminosa ao espírito irrequieto. Renan, o filósofo, historiador audacioso e erudito, após perder a fé, escreveu uma das suas obras mais polêmicas, “Vie de Jesus”, em 1863, na qual ele vê o Mestre como homem incomparável, porém sem dimensões divinas. Sua prosa era considerada de um estilo maravilhoso, magistral. Em discurso pronunciado no dia 15 de março de 1974, na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, por ocasião das comemorações do primeiro centenário de nascimento de Henrique Castriciano, Nilo Pereira diz que a maior influência que o Poeta recebeu de Renan refere-se ao belo estilo na aplicação da palavra escrita, pois seu ecletismo, sua erudição abrangente não aceitavam uma “filosofia que fosse a de guias indiscutíveis”.

Nas primeiras décadas do século XX, Henrique Castriciano era considerado o mais proeminente homem de letras do Rio Grande do Norte. Seu nome servia de chancela de valor para qualquer evento cultural. Gradualmente, à medida que o tempo corria em direção aos anos 30, essa liderança intelectual foi migrando para outro nome que já se projetava, pois o jovem Câmara Cascudo estava iniciando seu eterno vôo de glórias.

Na poesia, são quatro livros publicados, além de vários poemas divulgados isoladamente. Na prosa, foram inúmeras plaquetas e artigos de jornais e revistas, discursos e conferências, muitos dos quais se extraviaram com o tempo.

Seus quatro livros de poesia são: *Iriações* (Natal: Tipografia d'A República, 1892), *Ruínas* (Fortaleza: Tipografia Cunha Ferro, 1897), *Mãe* (Natal: Tipografia d'A República, 1899) e *"Vibrações"* (Natal: Tipografia d'A Gazeta do Comércio, 1903).

Além de Câmara Cascudo, Américo de Oliveira Costa e Tarcísio Gurgel referem-se à poesia castricianiana como sendo de características romântica, parnasiana e simbolista. Este último autor, no livro *"Informação da Literatura Potiguar"*, faz o seguinte comentário:

Com o passar do tempo aquele moço que tivera publicado em A República, em 1899, com a correspondente repercussão, um longo poema parnasiano chamado "A Estátua", evolui até chegar a produzir poesia simbolista no nível da melhor que realizavam os seguidores desta escola como se pode muito ver nos três versos que se seguem, onde misturam-se cientificismo, sentimento decadentista e sombria musicalidade dos vocábulos:
Matéria e Protoplasma, Infusório e protista,
Corvo que desce à lama, Águia que eleva a vista,
Mocho que odeia o céu, Pomba que adora a luz.

E continua Tarcísio Gurgel:

É impossível não enxergar nesse terceto, do soneto “Espírito e Matéria”, elementos presentes em certo decadentismo simbolista e em poetas como Cruz e Souza. Inevitável também pensar em Augusto dos Anjos, poeta a quem Henrique precedeu e cujo livro *Eu* seria publicado em 1912.

(GURGEL, 2001, p. 45)

Um poema, em particular, tornou-se bastante conhecido, não só pelo valor intrínseco da forma precisa e comovente na elaboração dos versos, mas também pela temática nordestina abordada:

O Aboio

[...]

Essa magoada voz que acorda as soledades,
Essa trêmula queixa, é o gemido e o brado
De uma raça infeliz, cujo longo passado,
Simboliza o clamor e a miséria da fome.
Por isso, quando a voz do sertanejo entoa
O lamentoso aboio, a gente queda e cisma;
O nosso coração silencia e se abisma
No pego da saudade e, lá no fundo arranca
Não sei que flor emurhecida e branca.

[...]

Alguns de seus poemas foram publicados na “*Littérature Brésiliennne*”, de Victor Orban e na Antologia Sueca de Goran Bjorkman, conforme relata Américo de Oliveira Costa, bem como, outros poemas seus podem ser encontrados em uma das mais importantes antologias da poesia simbolista brasileira – *Panorama do Movimento Simbolista no Brasil*, de autoria do

crítico Andrade Muricy, 1952. No volume XXIII da Enciclopédia da Biblioteca Internacional de Obras Célebres, que existe no acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, coleção das produções literárias mais reconhecidas do mundo, consta seu poema “O Mar”. A imprensa estrangeira, especialmente a portuguesa, transcreveu alguns dos seus versos, que também foram publicados em francês, sueco, românico e polonês. Evidencia-se, assim, que sua obra, mesmo não sendo muito extensa, tem, no entanto, a dimensão universal que somente os grandes escritores alcançam.

Há que se ressaltar a tendência poética dos Castricianos. Auta de Souza, a única mulher entre os seus quatro irmãos, é considerada a poetisa mais querida dos norte-rio-grandenses. Seu único livro, *Horto*, publicado em 1900, abriga poesias que, segundo os críticos literários, devem figurar entre as melhores do país.

Na prosa, a produção literária de H. Castriciano se fez em crônicas, ensaios, artigos, discursos, palestras e conferências. Grande parte dessa produção literária foi publicada em revistas e jornais, especialmente em *Natal*, *n’A República*. Jornais de prestígio do Rio de Janeiro – “*O Paiz*”, “*Brasil*” e “*A Notícia*” – também publicaram muitos dos seus trabalhos, além de várias plaquetes editadas com suas magistrais conferências. Habitualmente, identificava-se como H. Castriciano, entretanto, adotou vários pseudônimos para seus artigos e ensaios: Mário do Vale, José Capitulino, Alex. César, João Cláudio, José Brás, Rosa Romariz, Frederico de Menezes, “Y”, Erasmo van der Does e HC.

O Professor José Geraldo de Albuquerque, a pedido da Diretora da Escola Doméstica, Professora Noilde Ramalho, pesquisou com pertinácia e identificou grande parte dessa produção intelectual, tendo organizado e publicado “*Henrique Castriciano – Seleta de Textos e Poesias*”, em três volumes. No volume 1, são cento e trinta e sete trabalhos, em 413 páginas; no volume 2, são sessenta e dois trabalhos, em 109 páginas; no 3º volume, 28 escritos preenchem 136 páginas. Sem dúvida, essa valiosíssima tarefa do Professor José Geraldo fez o resgate de textos que fluíram da inteligência do grande escritor

e poeta, publicados na imprensa, no período de 1892 a 1919, e que estavam dispersos e quase perdidos nos arquivos dos órgãos que os divulgaram.

Maior conhecedor da obra castriciano, Câmara Cascudo confessa que o prosador superava o poeta, e diz isso de forma inequívoca:

Sempre preferi a prosa ao verso de Henrique Castriciano. Ninguém discute que admiro muitos poemas, mas o número de produção em prosa que fica nessa classificação é superior.

E mais adiante:

O estilo de Henrique, na prosa alheia ao romance é claro, mantém-se ágil, de uma precisão segura, com uma elegância, vivenciada, coloridos insuperáveis.

(CASCUDO, 1965, p.98-99)

Dentre as suas conferências, há uma que se notabilizou pelo conteúdo inovador e, até certo ponto, provocativo para a época: “Educação da Mulher”. Usando sua típica linguagem límpida e estética, além de evidente entusiasmo e conhecimento sobre o tema, o conferencista se revelou, a partir daquele momento, como um pioneiro no Brasil das mudanças do papel feminino na sociedade.

Duas obras inacabadas, “Os Mortos” e “Phtysico”, traduzem a incipiente experiência como romancista. Na dramaturgia, também não chegou a se consagrar, mas ficou na história do Theatro Carlos Gomes, depois Teatro Alberto Maranhão, com a encenação por crianças da peça de sua autoria, A Promessa, em 24 de março de 1904, marcando a inauguração dessa Casa de Cultura.

Em 1907, publicou nove artigos resgatando a vida e a poesia do eclético Lourival Açucena, um dos precursores da poética norte-rio-grandense. Esses artigos serviram de subsídio para a edição, em 1927, de Versos, de autoria de Câmara Cascudo, que reúne parte dos poemas de Açucena.

Até a década de 30, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, criado em 1902, era a única instituição cultural que agregava os principais nomes das letras potiguaras. A partir de 1936, entretanto, uma outra casa de cultura se incorporou à cidade, com a instalação da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, após várias reuniões dos intelectuais da terra, tendo à frente Câmara Cascudo, Henrique Castriciano e Aderbal de França. A cadeira nº 2 teve como patrono Nísia Floresta, sendo seu primeiro ocupante o poeta de “O Aboio”, que também foi indicado para Presidente da Academia recém-criada. Era a evidência do respeito e admiração que os seus pares lhe devotavam.

Influência Intelectual sobre Cascudo

Luiz da Câmara Cascudo, reconhecido como o mais destacado escritor do Rio Grande do Norte, em todos os tempos, e um dos maiores do Brasil, revela a influência que recebeu da erudição castricianiana. Vinte e quatro anos mais moço, Cascudo aproxima-se do Poeta, percebendo a grande importância que essa interação traria para a sua crescente jornada cultural. Por outro lado, Henrique Castriciano cedo vislumbrou o grande potencial que existia naquele jovem que já despontava nas lides intelectuais da cidade. A amizade das famílias, além da quase vizinhança, facilitavam os encontros e as longas conversas entre os dois. É o próprio Cascudo que diz:

A partir de 1917, terminados os estudos de “preparatórios”, comecei a interessar-me pelo poeta por ter iniciado leitura de poesia e prosa, desordenadamente.

[...]

Até 1932 fomos companheiros de palestra assídua. Ia vê-lo ou recebia-o em casa de meu pai, casarão amplo, circulado de jardim onde subiam pavilhões de trepadeiras, com ruas de buxo e a grande pérgula ornamental.

[...]

Foi o primeiro escritor, literato, poeta, que conheci e com quem mais longamente privei.

[...]

Ensinou-me a construir lentamente a cultura, diária, pessoal, fontes e não antologias, degrau a degrau, e não elevador subitâneo.

[...]

Vacinou-se contra o vírus da vaidade, do orgulho solene, da ostentação caricata, da pomposidade magistral. Com ele acreditei na perpetuidade da sabedoria popular, anterior e básica aos dogmas da ciência imponente. Provou-me que a vida interior, quieta, humilde, incompreendida, iluminada pelas fadas do conhecimento, pela sensibilidade constante, pela abstração ascensional, determina a independência das compensações exteriores, a dispensabilidade dos aplausos, os impulsos ativos dos estímulos.

(CASCUDO, 1965, p. 24-30)

Assim, não tivesse Henrique Castriciano outros grandes méritos, bastar-lhe-ia a condição de ter sido referência, fonte de erudição, onde Cascudo alimentou sua incessante busca pelo saber, precisamente na fase primeira da construção do seu vasto mundo intelectual.

A Infância

Henrique Castriciano nasceu na madrugada de 15 de março de 1874, em Macaíba/RN, na rua do Porto, hoje Teodomiro Garcia, onde viveu até 1879, quando, após a morte da mãe, foi morar no Recife, sob o amparo da avó materna Silvina Maria Rodrigues, afetuosamente chamada Dindinha.

Em 1881, ampliava-se-lhe a orfandade, pois morreu seu pai, Eloy Castriciano de Souza, vitimado pela tuberculose pulmonar, à semelhança da esposa, Henriqueta Leopoldina Rodrigues de Souza.

Foi um menino enfermício, estava sempre adoentado, sem a alegria radiante característica das crianças saudáveis. O carinho da avó conseguia somente ser alento à tristeza pela ausência dos pais. Parecia até que as diversas enfermidades tinham predileção por aquele menino gordo, pesado, lento, retardatário nas funções motoras que se desenvolvem nos anos da primeira infância.

Em Recife, a avó Dindinha se desdobrava nos cuidados com os cinco netos: Eloy, Henrique, Auta, Irineu Leão e João Cância. Mais uma grande perda ocorreria na família com a morte trágica, em 1887, de Irineu Leão, com 12 anos, vítima de uma explosão de um candeeiro de querosene.

Henrique Castriciano frequentou bons colégios recifenses. Desde cedo, sua mente privilegiada mostrou-se compensadora da sua pouca aptidão física. Aos seis anos já sabia ler, evoluiu rápido no aprendizado das disciplinas oferecidas e, aos 10 anos, já mostrava sua avidez pela leitura. Os apelos das brincadeiras de meninos e das aventuras de adolescentes não conseguiam vencer sua predileção pelos livros.

A Adolescência – O Espectro da Tuberculose

Em 1890, estava residindo em Natal, estudando no velho Atheneu Norte-Rio-Grandense, onde foi aprovado - “com distinção” - em quase todas as disciplinas. Morava em uma casa na rua Dos Tocos, atual Princesa Isabel, habitada por humildes famílias. A pequena cidade de Natal tinha somente dois bairros: a Ribeira, onde residiam os “canguleiros”, e a Cidade Alta, *habitat* dos “xarias”, dentre os quais estava Henrique Castriciano. O natalense andava a pé ou em montarias. A iluminação da cidade se fazia com 95 lampiões a querosene, sendo 43 na Ribeira e 52 na Cidade Alta.

Em 1891, a convite de Pedro Velho, começa a escrever em “A Repúbli-

ca”, tendo sido colaborador desse jornal por mais de 30 anos, no qual publicou considerável parcela de sua obra literária, em forma de artigos, ensaios, críticas literárias, conferências e poesias.

Em 1892, aos 18 anos, vê-se ameaçado pela tuberculose pulmonar, doença que lhe havia arrebatado os pais e já se instalara nos pulmões da irmã Auta, dois anos mais nova. Segue, então, para Angicos, em busca da recuperação propiciada pelos “ares acalmadores e vivificantes”. Procura depois uma região mais alta; vai para a Serra de Martins, no final de 1894, considerada um sanatório natural, de clima agradável e restaurador. Sua alma de poeta identifica os encantos da região que a natureza se encarregou de produzir. Visitando, em 29 de janeiro de 1895, a Gruta das Trincheiras, onde um filete d’água perenemente brota das entranhas do lajedo, escreve na própria pedra essas duas maravilhosas quadras:

A lágrima sem fim, a lágrima pesada
que eternamente cai do alto desta gruta
representa algum’alma estranha, desolada
que mora a soluçar dentro da rocha bruta?

Est’alma, quem será? Não sei! Mistério fundo...
entretanto eu pressinto alguém que se debruça
e baixinho me diz, num gemido profundo:
- Existe um coração na pedra que soluça.

Esses versos foram publicados no jornal “A República”, em 29 de maio de 1895, sendo incluídos em seu livro “Ruínas” (Fortaleza, 1898).

Por essa época, espalhava-se a fama do médico Francisco Ribeiro de Almeida Castro (1858-1922), da cidade de Mossoró, a quem H. Castriciano recorreu. O clínico recomenda uma temporada na praia, tendo Henrique Castriciano se refugiado em Tibau, onde permaneceu até 1898, olhando o mar, ouvindo as ondas e os pássaros, conversando com pescadores, apreci-

ando coqueirais, jangadas e a habilidade das mulheres rendeiras.

A respeito de um suposto romance vivido pelo Poeta na praia de Tibau, Raimundo Nonato da Silva, em artigo publicado na Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, ano XXIII, nº 11, 1974, fez o seguinte comentário:

Dias seguidos, sussurrava-se pelos areais, ou à sombra alcoviteira de algum coqueiro solitário, que nesse abandono entre o mar e a praia, entre o céu e a terra, transparecia tênue como brisa matutina, um doce namorico do poeta com a ingênua rendeira do Tibau...

(SILVA, 1974)

A temporada em Martins e Tibau deixou uma produção poética significativa. Em 1898 escreve a Olavo Bilac solicitando um prefácio para o poema Mãe. Neste mesmo ano, volta para Macaíba, quando, então, recebe convite do amigo e poeta paraibano José Rodrigues de Carvalho (1867-1935) para irem juntos cursar a Faculdade de Direito de Fortaleza. Nessa cidade, participou de intensa atividade cultural e publicou o livro “Ruínas”, ainda em 1898. Retorna a Natal, e, às vésperas do novo século, recebe o prefácio solicitado a Olavo Bilac. Somente cinco anos depois, ingressa como aluno da Faculdade Livre de Direito de Fortaleza. Seu livro Vibrações já está pronto, vindo a ser editado em Natal, sendo considerado a sua melhor obra de poesia, com prefácio de Clovis Bevilacqua.

Em 1905, Henrique Castriciano vai morar no Rio de Janeiro e matricula-se na Faculdade de Direito, tendo concluído o curso em 1908.

Político por Contágio

Sobre a atuação política de Henrique Castriciano, Câmara Cascudo faz esses comentários:

“Henrique Castriciano foi político por contágio. Contágio do irmão Eloy de Souza (1873-1959), vocação legítima na espécie...”

Mais adiante, reportando-se a Eloy de Souza, ele diz:

Vivo, inquieto, vibrante, primeiro jornalista do Estado, conversador admirável, morreu político, embora me afirmasse estar “completamente curado.” Henrique, tímido, sonhador profissional, envolvia-se na irradiação sugestionadora do irmão.

(CASCUDO, 1965, p. 79)

Eloy foi Senador, Deputado Federal e Deputado Estadual, exercendo atividades políticas por quase 40 anos, além de ter deixado obra literária expressiva, não na poesia, mas na prosa ágil e impregnada de “vigoroso regionalismo”.

Desse modo, conforme o seu inextinguível biógrafo, Henrique Castriciano não tinha a menor vocação política. A influência e o prestígio do irmão, além da amizade com Pedro Velho e com outras figuras de destaque, fizeram-no envolver-se em cargos públicos, atrelados às atividades político-partidárias.

Em março de 1900, era designado pelo Governador Alberto Maranhão (1872-1944) para exercer as funções de Secretário de Governo. Após concluir o curso jurídico, em 1908, foi nomeado Procurador Geral do Estado, substituindo Manoel Dantas (1867-1924). Como secretário do Governo Alberto Maranhão, redigiu a Lei nº 145, de 6 de agosto de 1900, que instituía prêmio para autores norte-rio-grandenses com a publicação de seus livros, legislação pioneira de incentivo à cultura. Eleito Deputado Constituinte em 1915, foi alçado à condição de Presidente da Assembléia encarregada de reformar a Constituição estadual. Assim, na qualidade de Presidente da Constituinte, assumiu as funções de Vice-Governador, no Governo Ferreira Chaves, pois era este o mandamento legal, à época. Com o término do manda-

to desse governo, Henrique Castriciano continuou como Vice-Governador, porquanto fora eleito, na chapa encabeçada pelo Governador Antônio José de Melo e Souza (1867-1955), para o cargo que havia sido constitucionalmente restabelecido, permanecendo nas funções até 1º de janeiro de 1924.

É digno de registro que, nesse período (1919-1923), a administração estadual estava entregue a dois homens que se identificavam pela vocação intelectual, além da opção pelo celibato. Antônio de Souza, duas vezes Governador, era também homem culto, poliglota e de férrea integridade. Com o pseudônimo de Polycarpo Feitosa publicou vasta produção literária. Seu livro *Gizinha* é considerado marco da literatura potiguar em prosa. Essa jornada administrativa viria marcar o encerramento da atividade política para dois insígnies homens públicos, probos, cultos e dignos.

Henrique Castriciano ainda tentou se manter na política, mas sofreu dissabores e injustiças, causados pelos influxos dos interesses partidários e eleitoreiros. Em 1937, revelou a Cascudo a frustração de não ter sido deputado federal, quando poderia ter usado essa prerrogativa para difundir o valor da educação da mulher para o desenvolvimento da sociedade brasileira.

Mesmo tendo sido “político por contágio”, desempenhou a missão com muita honradez, como em tudo o que fez na vida, não deixando se abater na subalternidade, servindo sempre como conciliador e contribuindo, dentro do possível, para o bem comum.

Particularidades

Dizia-se com freqüência que Henrique Castriciano era um “filósofo”, no sentido de excêntrico, distraído, voltado mais para o intelecto e menos para os bens materiais. Entretanto, mantinha hábitos que contrariavam essa fama: sempre bem barbeado, “roupa limpa, engomada, com todos os botões, gravata justa, colarinho sem a orla dos usos antecedentes”.

Foi um valetudinário a vida toda. A ameaça da tuberculose - primeiramente para se instalar e, depois, para recidivar - acompanhou-o como - a

sua própria sombra. Aquele menino enfermiço continuou na fase adulta e na maturidade. Estava sempre à procura de novos tratamentos, pois as doenças pareciam acerrar-lhe o corpo e a alma. Nessa busca incessante pelas novidades terapêuticas, esteve em Nova Cruz, na década de 30, para receber a “milagrosa” vacina da saliva, oportunidade em que Noilde Ramalho veio a conhecê-lo, episódio que está narrado com detalhes no Capítulo II, do livro “Noilde Ramalho – Uma História de Amor à Educação”, obra biográfica que tive a honra de escrever. É possível que essa idéia fixa de doença, o temor sempre presente de que rapidamente sucumbiria às enfermidades, mantendo-o totalmente absorto em seus problemas da saúde precária, fizeram afastar o Poeta dos planos de casamento.

É provável que Henrique Castriciano tenha sofrido de hipotireoidismo, na fase de maturidade, desde que o seu desenvolvimento ontogenético demonstra ter sido normal. O bócio, associado com manifestações, mesmo que subclínicas, caracterizadas por certa lentidão, ou apatia em determinadas ocasiões, levando-o, por exemplo, a produzir intelectualmente menos do que a sua capacidade, conduzem para uma inferência dessa natureza. Claramente, são apenas especulações passíveis de total descrença ou até de discordâncias. No livro “Nosso Amigo Castriciano”, Câmara Cascudo se reporta à doença tireoideana do poeta, que foi atendido por famosos médicos na Europa:

Na Suíça conheceu o grande cirurgião Emile Theodor Kocher (1841-1917), prêmio Nobel de Medicina justamente em 1909, o mágico da tireóide. Kocher indicou intervenção operatória e o não menos famoso Dr. Roux, de Paris, desaconselhou, preferindo tratamento clínico. Henrique seguiu essa sugestão e o bócio desapareceu.

(CASCUDO, 1965, p. 46)

No mesmo livro, no capítulo “Anedotas”, Câmara Cascudo, ao relatar uma das passagens pitorescas que contavam sobre Henrique Castriciano,

escreve: “sofrendo de bócio, olhos esbugalhados, inquieto, Henrique conseguiu...” Ora, esses sintomas são próprios de hipertireoidismo, e não de hipo. Além de ser a única vez que os relatos sobre o poeta induzem a um quadro compatível com hiperatividade tireoideana, dificilmente haveria, nesse caso, uma espontânea remissão clínica, ou mesmo um estado de convivência com a doença, sem maiores problemas.

Portanto, tudo leva a crer que o bócio que Henrique Castriciano desenvolveu era acompanhado por leve sintomatologia de hipoatividade tireoideana, se não foi do tipo que permanece assintomático.

Quanto ao seu círculo de relações, não somente foi amigo, como mereceu o respeito das figuras mais representativas da sociedade norte-riograndense. Igualmente, cultivou amizades com homens notáveis do Brasil, como Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Clovis Bevilacqua, Artur Bernardes, Oliveira Lima, Rodrigues de Carvalho, Alberto de Oliveira, Coelho Neto, Graça Aranha, Martins Fontes e Raul Braga, entre tantos outros.

Henrique Castriciano revelou-se autodidata no tocante ao aprendizado de idiomas. Possuía total domínio do francês, lia e se comunicava em espanhol. O conhecimento em inglês e italiano era suficiente apenas para leitura.

Tinha um sutil e refinado senso de humor. Várias “estórias engraçadas” perpassam o tempo, mostrando essa faceta da sua personalidade. Entre tantas relatadas por Câmara Cascudo, em uma delas fica patente que o Poeta se divertia com a sua própria condição de valetudinário:

Preocupado constantemente com a própria saúde, Castriciano padecia de mil enfermidades reais ou imaginárias. Mania de remédios, volumes de terapêutica, folhetos de propaganda medicamentosa, incessantes consultas médicas. Nem todos nós, naturalmente, acreditávamos nas insistências mórbidas de Henrique. Um dia, com ar inocente, perguntei-lhe se havia lido *La Maladie Imaginaire*, de Molière.

- Se li? Estou até representando...

(CASCUDO, 1965, p. 152)

Henrique Castriciano e Nísia Floresta

Henrique Castriciano é considerado o “descobridor” de Nísia Floresta. Pesquisou nas bibliotecas, no Brasil e no exterior, entrevistou pessoas que conheceram a grande escritora norte-rio-grandense, precursora do feminismo no Brasil. Visitou o cemitério onde estavam os restos mortais da escritora, em Rouen, na França; manteve correspondência com a filha e sobrinhas de Nísia. Incentivou outros escritores e pesquisadores a aprofundarem os estudos sobre essa mulher admirável, principalmente Adauto da Câmara que, em 1941, publicou “História de Nísia Floresta”. No prefácio de “Buscando a Luz sobre Nísia Floresta Brasileira Augusta”, 1987, da escritora Maria Simonetti Gadelha Grilo, Nilo Pereira assim se expressa: “O livro de Adauto da Câmara é a sua biografia. O livro que Henrique Castriciano não escreveu. E foi uma pena que ele, o velho Henrique, não tenha feito com a sua sensibilidade francesa de esteta renaniano”.

Embora tenham sido outros que tocaram os instrumentos, ou mesmo regeram a orquestra, foi Henrique Castriciano quem compôs a sinfonia que descortinou Nísia Floresta Brasileira Augusta, sua vida e sua obra, fato da maior importância para o Rio Grande do Norte e para o Brasil.

As Viagens à Europa e a Criação da Escola Doméstica de Natal

Em meados de 1909, Henrique Castriciano embarca em um transatlântico, no Recife, com destino à Europa. Um triplo objetivo animava essa viagem do poeta: enriquecimento cultural, alternativa para tratamento de bócio, que lhe protuberava o pescoço, bem como da tuberculose recrudescida, além da ampliação de conhecimentos sobre a educação feminina. Tudo indica que ele levava consigo a idéia da implementação do ensino doméstico. Contudo, queria conhecer a experiência da Suíça e da Bélgica nessa área. Sonhava com uma reforma social alicerçada na educação da mulher.

Os três objetivos foram completados: visitou bibliotecas, museus, livrari-

as, institutos culturais e de pesquisa; o bócio foi tratado clinicamente e os sanatórios suíços garantiram-lhe a cura dos pulmões; e as visitas à École Ménagère de Friburgo, cantão suíço, foram-lhe essenciais para consolidar sua idéia de criação em Natal de uma unidade educacional para moças, capaz de torná-las, pela ação renovadora da família, elementos impulsionadores de significativas mudanças sociais.

Nessa viagem, Henrique Castriciano acompanhou Afrânio Peixoto pela Itália, Grécia, Egito e Palestina, retornando à Suíça, através da Itália e França.

Regressou a Natal em agosto de 1910. Desde então, começou a pregar e a difundir sua meta de instalação da inovadora escola. Mostrando-se idealista e desprendido, passou a arregimentar apoios e adesões ao seu desiderato. Assim, a 23 de julho de 1911, profere sua famosa conferência “A Educação da Mulher”, que marcou a criação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, precursora da futura escola feminina.

Em agosto de 1913, volta à Europa, com permissão do Governo do Estado, a fim de estudar a “organização do ensino profissional”. Nessa viagem, fez contatos para que as romenas Hélène Bondoc e Jeane Negulesco, diplomadas pela École Ménagère de Friburgo, viessem para Natal, com o intuito de iniciar as atividades do primeiro curso doméstico da América Latina.

Com a deflagração da Primeira Guerra Mundial, em julho de 1914, teve sua volta a Natal retardada para novembro desse mesmo ano. Ao retornar, sua poesia mais conhecida, cuja construção não se dá por versos em palavras, mas por uma pioneira ação educacional, já estava “publicada”, pois no dia 1º de setembro de 1914, as mais ilustres figuras da cidade, inclusive o Governador Ferreira Chaves, em marcante solenidade, haviam assinado a ata de criação da Escola Doméstica de Natal.

O Educador

A vida de Henrique Castriciano é repleta de situações, até certo ponto, paradoxais. Sua obra literária, por exemplo, poderia ter sido muito mais extensa, pela erudição que possuía. Não escreveu o livro tão esperado sobre

Nísia Floresta, apesar de ter sido o “descobridor” da famosa escritora.

Ao fundar a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (14/11/1936), ocupou a Cadeira nº 2 e indicou Nísia Floresta como Patrona, mas não lhe fez o elogio protocolar, apesar de ser o maior conhecedor da ilustre pioneira do feminismo no Brasil.

Mesmo não sendo um político com atuação partidária intensa, e por isso mesmo não sendo detentor de densidade eleitoral, ocupou elevadas funções públicas, tendo sido Vice-Governador do Estado por nove anos. Fez tudo para a criação da Escola Doméstica, mas não estava em Natal no dia da instalação desse estabelecimento de ensino. Bacharel em Direito, sua obra literária em nada se relaciona com a ciência jurídica. Celibatário irreduzível, devotou grande parte da sua vida ao estudo de educação feminina, especialmente voltada para a valorização do lar e da família.

Esses aspectos contraditórios de vida do Poeta se repetem e até crescem quando questionamos: por que Henrique Castriciano não se notabilizou como professor? Tinha todas as condições para ter lecionado nos estabelecimentos mais antigos e conhecidos da cidade, o Atheneu e a Escola Normal, mas nunca mostrou interesse.

Sua erudição e notório saber bastar-lhe-iam para ser professor de qualquer universidade, principalmente se o deixasse livre como mestre de aulas magistrais, pronunciando palestras e conferências diferenciadas pela profundidade do conteúdo e pela elegância e precisão da palavra.

Seu apego aos livros, suas leituras intermináveis, sua cultura, aliados ao discurso fácil, à explanação precisa, faziam-no detentor de um perfil adequado de professor. Contudo, não há como negar-lhe a condição de emérito educador, confirmada pela sua ação e por seus princípios.

Na qualidade de animador cultural da província, foi, por muitos anos, ponto de referência para quem queria receber ensinamentos preciosos, mostrando-se sempre disponível e generoso na difusão do saber acumulado por pesquisas e prolongadas leituras. A partir de 1910, dedicou-se ao estudo da questão educacional, perlustrando a problemática escolar local e nacional, indo até a dimensão mundial. Com ênfase, voltou-se para a educação femiAs

indo até a dimensão mundial. Com ênfase, voltou-se para a educação feminina, porquanto o educador que nele existia começava a exigir-lhe uma ação educacional propícia para a sua terra. Bastaria, portanto, a luta sem tréguas de Henrique Castriciano para implantar, com absoluto pioneirismo o ensino doméstico no Rio Grande do Norte, para identificá-lo como um homem vocacionado para a educação.

Sua atividade docente restringe-se a um curto período (1919 a 1923), quando lecionou “Educação Social” na Escola Doméstica, sendo considerado o primeiro professor dessa disciplina no Brasil. O conteúdo programático, por ele criado, era avançado e inovador:

O programa do curso, em 17 temas, é um documento excepcional, atendendo-se tempo e ambiente. Dará, como nenhum outro depoimento, o testemunho de mentalidade, tendência, visão, a meta educacional por ele almejada.

(CASCUDO, 1965, p. 76).

Em 24 de junho de 1917, Henrique Castriciano instalou o primeiro grupo dos escoteiros do Rio Grande do Norte, contando com a colaboração do Comandante Monteiro Chaves. Dois anos depois, o Prof. Luiz Soares (1888-1967) deu impulso a essa organização, com a criação da Sociedade de Escoteiros do Alecrim. H. Castriciano, por toda a vida, prestigiou os Escoteiros do Estado, que o reverenciam como patrono da organização. Seu entusiasmo pelo escotismo constitui um dos meios pelos quais ele manifestou seu idealismo na difusão de valores éticos, muito importantes para os jovens, na fase de consolidação de suas personalidades.

Percebe-se, portanto, que Henrique Castriciano não exerceu, por muito tempo, a atividade de professor em sala de aula, mas foi, por méritos indiscutíveis, um educador que deixou marcas que crescem e se avivam à medida que o tempo passa.

As Dificuldades Enfrentadas – O Adeus do Poeta

Em 1924, alijado da política, estava desempregado. Foi para o Rio de Janeiro, hospedando-se no Magnífico Hotel, na rua Riachuelo, 124. Procurou o amigo Artur Bernardes (1875-1955), que havia assumido a Presidência da República em 1922, mas não obteve o apoio esperado. Estava em grandes dificuldades quando o Desembargador Luiz Tavares de Lyra nomeou-o para um cargo administrativo no Tribunal de Justiça Eleitoral. Retornou ao Rio Grande do Norte, sobrevivendo com um salário que não lhe permitia despesas extras. Entre outras aflições, pesava-lhe a impossibilidade de comprar os preciosos livros que tanto lhe fascinavam. Com o golpe de Estado, em novembro de 1937, o Tribunal de Justiça Eleitoral foi extinto, ficando Henrique Castriciano em disponibilidade, com um terço dos vencimentos.

Em 1938, o Ministro Augusto Tavares de Lyra (1872-1958) o nomeia para o Tribunal de Contas da União, quando, então, voltou a morar no Rio de Janeiro. A cidade já não era a mesma, havia mudado muito, os amigos escassearam-se, o regime totalitário era conduzido para uma imprensa laudatória, à qual não se adaptava. Foram anos de desperdício intelectual, envolvido que estava nos afazeres burocráticos do emprego.

Aos 68 anos, foi aposentado compulsoriamente, tendo os vencimentos reduzidos à proporcionalidade do efetivo tempo de serviço público. Voltou em 1942 para a sua cidade Natal, que estava mergulhada na voragem da guerra. Sentiu-se no ostracismo, à exceção do apoio e do conforto que lhe proporcionaram poucos amigos, entre eles Câmara Cascudo e o irmão Eloy, inexcedível em dedicação. Em fins de 1944 foi surpreendido por um derrame cerebral. O médico Januário Cicco (1881-1952) acolheu-o no Hospital Miguel Couto, desdobrando-se nos cuidados ao paciente e amigo. Depois, foi internado na Policlínica do Alecrim, sob o amparo de outros bons amigos, o Prof. Luiz Soares e o filho, Dr. Pedro Segundo, diretor do nosocômio. Nesse período de internação que precedeu sua morte, recebeu o carinho dos escoteiros, à frente o Prof. Luiz Soares, e das alunas da Escola Domés-

tica, conduzidas pelo Dr. Varela Santiago e pela Profª Noilde Ramalho, que havia assumido a direção do estabelecimento em 1945.

Recolhido a um pequeno quarto do Hospital, o Poeta viveu seus últimos dias, sozinho, precisando da ajuda da enfermagem para os hábitos diários das funções vitais. Consciente, lúcido, mas disártrico, sem poder de comunicação, com dificuldade de se mover e de falar. Certamente, foi para ele uma tortura ver-se naquela situação desoladora. Estava quase desprezado e esquecido naquele pequeno aposento hospitalar o “príncipe dos poetas norte-rio-grandenses”. Emocionava-se com as poucas visitas, quando chorava convulsivamente.

Em conferência pronunciada na Federação das Academias de Letras do Brasil, no Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1947, em homenagem ao ilustre norte-rio-grandense, recém-falecido, Adaucto Miranda Raposo da Câmara (1898-1952) fala da última visita que fez a Henrique Castriciano:

Quando me inteirei de toda a extensão dramática daquela agonia pungente, daquele ocaso de um homem de pensamento condenado pelo destino de emudecer, tratei de falar com êle, monologando. Dei-lhe notícias do Rio, da Federação, dos livros novos: manifestei-lhe minha alegria por me achar novamente em Natal, tão linda e progressista; expús-lhe os planos de passeios, excursões, etc. Veio um café, que eu lhe servi aos poucos, levando-lhe a xícara aos lábios. Entre um gole e outro, soluçava os olhos fitos em mim, enquanto as lágrimas lhe inundavam o rosto. Demorei meia hora nesta visita, que me causou emoções inesquecíveis, que foram para minha sensibilidade uma prova de fogo. Ao fim da entrevista, minha capacidade de resistência estava exausta. Apressei a despedida, saí como que precipitadamente, para não agravar com o meu pranto a aflição de um moribundo.

(CÂMARA, 1947)

Na manhã do dia 26 de julho de 1947, Henrique Castriciano ultrapassou a porta da imortalidade. Sua memória vem sendo reverenciada pelos pósteros, reconhecedores dos legados que ficaram para a sua terra e a sua gente.

Ele deixou dois excelsos continuadores: na dimensão cultural, Câmara Cascudo, que mesmo na fase inicial da sua fulgurante jornada intelectual, já estava apto para haurir sapientemente a convivência com o Mestre Henrique, voando, depois, para os patamares mais altos da glória; na dimensão educacional, Noilde Ramalho, que tem sabido seqüenciar a grande obra do criador da Escola Doméstica, com um labor profícuo que se estende por quase seis décadas, contribuindo para a formação integral de gerações, um belo exemplo para o Rio Grande do Norte e para o Brasil.

Henrique Castriciano viveu em dois séculos: XIX e XX, mas sua memória perlustra o século XXI, e há de continuar no tempo, porque o seu contributo, na educação e na cultura, se fez com a força do idealismo puro, da paixão, da sabedoria e da sensibilidade.

Referências

ALBUQUERQUE, José Geraldo de (org.). **Henrique Castriciano: seleta textos e poesias**. Natal: RN Econômico, 1994. v.1.

_____. _____. Natal: RN Econômico, 1994. v.2.

_____. _____. Natal: RN Econômico, 2004. v.3.

CÂMARA, Aauto Miranda Raposo da. **Evocação ao poeta Henrique Castriciano**. [Rio de Janeiro], 1947. Conferência proferida na Federação das Academias de Letras do Brasil em outubro de 1947.

_____. **História de Nísia Floresta**. 2.ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1997. 162p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Nosso amigo Castriciano**. Natal: Imprensa Universitária, 1965. 256p.

COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao Universo de Câmara Cascudo**. Natal: Fundação José Augusto, 1969. 246p.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: Vida e obra**. Natal: Editora Universitária, 1995. 365p.

GRILLO, Maria Sinonetti Gadêlha. **Buscando a luz sobre Nísia Floresta Brasileira Augusta**. Natal: Clima, 1989. 169p.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da Literatura Potiguar**. Natal: Argos, 2001. 364p.

PEREIRA, Nilo. Henrique Castriciano: artista inacabado. *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*, Natal, v. 23, n. 11, p. 7-20, jun. 1974.

PETROVICH, Enélio Lima. **Evocando Henrique Castriciano**. Natal: Maninbu, 1978.

SILVA, Marcos (org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, 2003. 327p.

SILVA, Raimundo Nonato. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**. Ano XXIII, n. 11, 1974. 129p.

